

Clericalismo, relevância ou irrelevância da Igreja, reforma do Código do Direito canônico

Edward Guimarães¹

1 O PAPA FRANCISCO TEM “BATIDO FORTE” NA MENTALIDADE “CLERICALISTA”, PRESENTE NÃO SÓ NO MEIO DOS MINISTROS ORDENADOS, MAS TAMBÉM NA CABEÇA, COMPORTAMENTO E MODO DE PROCEDER DE MUITOS FIÉIS LEIGOS E LEIGAS. EM SUA OPINIÃO, É SUFICIENTE A CRÍTICA CONTUNDENTE DO PAPA, DIANTE DE UM CLERICALISMO QUE PARECE CRESCER, PODENDO INVIABILIZAR AS REFORMAS PROPOSTAS PELO MESMO PONTÍFICE?

Estou entre aqueles que acolhem, avaliam muito positivamente e reconhecem que o magistério do “Papa que veio do fim do mundo”, desde a sua primeira hora, vem sendo uma grata surpresa do Espírito Santo e vem impulsionando uma autêntica primavera na Igreja de Cristo. Primeiro, por decididamente recuperar e retomar, depois de um longo inverno de resistências, silenciamentos e tentativas de paralização, o espírito reformador e o dinamismo renovador, bem como as chaves teológico-pastorais estruturantes da eclesiologia do Concílio Vaticano II: a Igreja de Jesus Cristo é povo de Deus a caminho, confiante no Espírito Santo e em missão evangelizadora; uma Igreja aberta, auscultadora dos sinais do tempo e inserida no mundo, que, em cada contexto, se particulariza; uma Igreja que não teme se assumir necessitada de conversão e “semper reformanda”. Segundo, por promover, em outras bases, processos de escuta, de discernimento, de conversão a Deus e ao Evangelho e de reforma para que a Igreja seja fiel à sua missão no mundo contemporâneo.

Francisco, desde a sua *Evangelii gaudium*, assumiu com coragem profética que a Igreja precisa de voltar a Jesus Cristo e ao seu Evangelho do Reino, de assumir a sua dimensão social. Uma Igreja que precisa de mudar corajosamente para continuar a ser ela mesma; que não deve temer, sob pena de adoecer, o repensar, inclusive de suas próprias estruturas, na busca de ser fiel à sua missão de ser sacramento do Reino de Deus no mundo, no contexto e no tempo do seu testemunho de fé e do anúncio do Evangelho de Jesus.

Nesse sentido, consideramos fundamental, mas não suficiente, as críticas do papa Francisco ao clericalismo na Igreja, o que ele chama de “câncer na vida da Igreja”. Esta crítica contundente de Francisco é fundamental, pois coloca o dedo na ferida, ao apontar com clareza o que tem adoecido as relações eclesiais e impedido a fidelidade da Igreja ao Evangelho. O clericalismo é a doença grave no exercício do poder, tanto nas relações internas quanto nas relações da Igreja com a sociedade. Por se tratar de uma tentação constante na vida humana,

1 Mestre em teologia (FAJE) e doutor em Ciências da Religião (PUC Minas), professor na PUC Minas, membro do Grupo de Pesquisa Teologia e Pastoral e Serviço Teológico-Pastoral.

ela já tinha se manifestado entre os apóstolos de Jesus. O clericalismo impede a fratersororidade ao favorecer relações de dominação de uns sobre os outros, relações de abuso moral e sexual. As denúncias de Francisco são muito importantes, mas não suficiente porque, se por um lado elas oferecem um diagnóstico e um reconhecimento do problema, elas não têm o poder de eliminar por decreto esta tão grave doença, enraizada na vida da Igreja. Por isso, o Papa Francisco não tem ficado apenas na denúncia firme do clericalismo, ele está impulsionando processos coletivos de escuta, discernimento e conversão: encíclicas, exortações, reflexões teológicas, conferências, sínodos e um intrépido processo de conversão. Há muitas resistências entre os cardeais, bispos, presbíteros, seminaristas, religiosos e religiosas, leigos e leigas.

Será preciso uma nova teologia do sacramento da ordem capaz de recuperar a centralidade do batismo, uma nova mentalidade eclesial capaz de assumir o desafio de caminhar juntos e uma reforma profunda de estruturas eclesiais que há tempos já não respondem ao desafio de evangelizar. Acontece que se trata de uma hercúlea tarefa coletiva, de uma árdua e longa construção histórica, de uma realidade que ultrapassa as possibilidades e os limites do magistério do bispo de Roma.

2 NOS ÚLTIMOS TEMPOS TEM SE FALADO MUITO SOBRE A RELEVÂNCIA OU A IRRELEVÂNCIA DA IGREJA CATÓLICA HOJE: HÁ QUEM SOFRE COM UM SAUDOSISMO MEDIEVAL, HÁ QUEM SOFRE COM UM SAUDOSISMO PÓS-CONCILIAR. CONTUDO, O PROBLEMA CENTRAL NÃO É RELEVÂNCIA OU IRRELEVÂNCIA, MAS MUDANÇA: A IGREJA CATÓLICA NÃO É MAIS A ÚNICA VOZ COMPROMETIDA COM A PROMOÇÃO HUMANA E A DEFESA DA VIDA. HOJE, A IGREJA CATÓLICA É UMA ENTRE TANTAS VOZES. COMO PROPOR A PASTORAL EM UMA SOCIEDADE PLURAL COMO A HODIERNA?

O pluralismo cultural e religioso não é uma ameaça ao cristianismo ou a qualquer outra tradição religiosa ou cultural. Ao contrário, há teólogos, cientistas da religião, antropólogos, sociólogos, psicólogos que consideram o pluralismo uma oportunidade. O pluralismo cultural e religioso é hoje um fato, uma realidade visível, uma experiência cotidiana das pessoas em cada país, cidade, bairro, família. Mas também no seio de cada religião. No caso da Igreja católica, em cada diocese, paróquia, comunidade não é diferente: o pluralismo de mentalidades e concepções está presente. Cada vez mais o pluralismo vai sendo percebido e acolhido como uma realidade que faz parte intrínseca da condição humana.

A Igreja Católica, que durante muito tempo, foi um centro de irradiação sociopolítica decisivo tanto da moralidade quanto da fonte dos critérios de avaliação ética dos costumes culturais, hoje é uma denominação cristã entre as diversas outras e o cristianismo é uma tradição religiosa entre as outras, no seio de sociedades cada vez mais secularizadas, pelo menos do ponto de vista da relevância do religioso como determinante dos costumes socioculturais. Ela é uma voz no meio da multidão de outras vozes. A palavra de um papa, um bispo, um presbítero, um diácono, um religioso ou religiosa, um cristão leigo é uma entre outras na

sociedade, nas famílias e inclusive no seio da própria Igreja católica. Nas últimas décadas, a crescente revolução da subjetividade despertou a autonomia das pessoas em geral e simultaneamente dos fiéis de cada tradição religiosa. A palavra da Igreja Católica não tem mais, pelo menos como já foi em tempos passados no Ocidente, a força de veicular a verdade ou a legitimidade de uma prática sociocultural.

Isto posto, podemos dizer que a Igreja Católica, como qualquer outra tradição cultural ou religiosa é chamada a propor caminhos a seguir, oferecer testemunhos de lucidez ou a beleza de assumir valores éticos humanistas universalizáveis, tanto para as pessoas em geral quanto, e sobretudo, para seus membros, mas sem a pretensão de substituir a instância maior da consciência de cada pessoa. Hoje, mais do que em qualquer outra época, cada pessoa é despertada para o seu ser sujeito e passar a zelar e mesmo exigir o respeito à sua individualidade, ao seu direito de divergir. As pessoas, cada vez menos, temem a mudança em seus costumes ou vínculos de trabalho, de casamento, de adesão religiosa, de ideologia política, quando os percebem sem significação para suas vidas.

Neste contexto contemporâneo, de uma sociedade cada vez mais urbana, tecnológica, internética, mas também profundamente desigual e indiferente ao “grito da terra, grito dos pobres”, a Igreja católica é chamada a reconhecer a força do testemunho coerente como muito mais decisiva do que a das afirmações dogmáticas de sua doutrina. O Evangelho continua a exercer sua força atrativa e a provocar conversão e adesão à vida nova, centrada no amar, cuidar e servir, na liberdade responsável dos filhos e filhas de Deus, mas sem qualquer imposição moralizante. No nosso modo de compreender, o decisivo na ação pastoral no contexto contemporânea está na aproximação, na postura de escuta, de diálogo e de acolhida, e no testemunho coerente dos valores do Evangelho e da alegria da vida nova que brota de quem aderiu ao seguimento de Jesus.

Nesse sentido, o Papa Francisco tem sido acolhido como uma liderança importante no contexto geopolítico internacional, quando ele se posiciona em relação aos conflitos entre países, às guerras, à situação dramática dos refugiados e migrantes, aos excluídos da dignidade humana (povos originários, LGBTQIA+ etc.), aos grandes desafios socioambientais. E, paradoxalmente, encontra maior resistência ao seu testemunho no seio da Igreja Católica.

3 ALGUNS PENSAM QUE DE NADA ADIANTAM OS BELOS TEXTOS DO PAPA SE NÃO HÁ UMA MUDANÇA NA ESTRUTURA DA INSTITUIÇÃO, QUE É ASSEGURADA DO PONTO DE VISTA LEGAL PELO CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. QUE ELEMENTOS VOCÊ ACREDITA NECESSITAM SER DE FATO MODIFICADOS PARA QUE A REFORMA DE FRANCISCO TENHA UM SUPORTE INSTITUCIONAL DIFERENTE DO QUE É DADO PELO ATUAL CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO?

Por mais que confiemos que é o Espírito Santo que conduz a Igreja, na força do Evangelho de Jesus e que a proposição de ideias e reflexões teológico pastorais, de utopias e

esperanças factíveis, feitas pelo Papa Francisco, é muito importante lembrar – afinal o bispo de Roma tem uma posição singular e significativa na vida da Igreja – que a dimensão prática no funcionamento da vida da Igreja é balizada pela tradição viva e, sobretudo, pelas suas leis consignadas no Direito Canônico. Por isso, a sustentabilidade de mudanças encetadas na estrutura da Igreja passa por mudanças que sejam assumidas no Direito Canônico, daí a importância dos processos de escuta e discernimento participativo em todas as instâncias da vida eclesial, como Francisco vem fazendo, por exemplo, nos sínodos da Amazônia, sobre a família e, agora, sobre a sinodalidade na Igreja.

Penso que o Direito Canônico precisa ser mais conhecido pelos cristãos católicos, e se transformar em objeto de análise teológico-pastoral, e estar em sintonia com o que vem sendo discutido, no repensar a concepção dos ministros ordenados, os novos ministérios do laicato numa Igreja toda ministerial, participativa e sinodal, a centralidade da Palavra e do sacramento do Batismo etc.

Quero terminar com uma prece a Deus pela saúde do papa Francisco e pelo discernimento dos sinais do tempo, pedindo a Ele para todos nós o dom da coragem dos profetas e da fidelidade ao Evangelho.